



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

COMIDA, RELAÇÕES SOCIAIS E TRANSFORMAÇÕES NA VIDA XAVANTE

Luciana Drummond Paz Verona

Doutoranda – PPG Alimentação, Nutrição e Saúde - UERJ

lucipaz@gmail.com

Luciene Guimarães de Souza

Secretaria Especial de Saúde Indígena-SESAI/MS

Escritório Local de Saúde Indígena do Rio de Janeiro

Silvia Angela Gugelmin

Docente PPG Alimentação, Nutrição e Saúde – UERJ

sigugel@terra.com.br

INTRODUÇÃO

Assim como em outras esferas da vida, a alimentação de povos indígenas que vivem em aldeias tem se modificado em um ritmo acelerado (GUGELMIN & SANTOS, 2001; LEITE et al, 2006; WELCH et al, 2009).

Os primeiros relatos mostram os Xavante como um povo semi-nômade, característica que proporcionava uma alimentação mais farta tanto no período de chuva quanto no período da seca. No processo de contato interétnico e demarcação das Terras Indígenas (TI's), os Xavante foram forçados a fixar suas aldeias, deixando de lado a prática do semi-nomadismo, fato que trouxe consequências na alimentação e no estilo de vida (FLOWERS, 1983; FLOWERS, 1994; GIACCARIA, HEIDE, 1984; MAYBURY-LEWIS, 1984).

A proximidade de alguns grupos Xavante com missões religiosas e instituições governamentais propiciou transformações tanto em práticas tradicionais quanto na linguagem, no trato com o corpo e na organização das



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

classes de idade (MAYBURY-LEWIS, 1984; SILVA, 1986; 1992). Uma das grandes mudanças ocorridas no final dos anos setenta, que trouxe repercussões nas práticas alimentares, foi a implantação da rizicultura mecanizada dentro dos territórios xavante, visando a produção voltada para o mercado e impactando a diversidade alimentar do grupo.

Estabelecidos em um território específico, a oferta de alimentos provenientes da coleta e da caça também diminuíram. Após sucessivos plantios, houve e ainda há um esgotamento do solo e uma consequente diminuição da produtividade. Além disso, a proximidade espacial com centros urbanos aumenta a oferta de alimentos exógenos (os quais os Xavante denominam *waradzu*), e a entrada de indígenas no mercado de trabalho os proporciona poder de compra (LEITE, 2007; DELGADO, 2008; VERONA, 2009). Neste cenário, os Xavante da aldeia Nossa Senhora de Guadalupe - MT, compartilhando de relações cada vez mais próximas com os grandes centros urbanos, vem introduzindo em sua alimentação cotidiana, os alimentos *waradzu* em quantidades crescentes (VERONA, 2009).

Considerando que o “comer” é um ato imbricado de significados, entendemos que as transformações advindas dessa introdução extrapolam os limites da alimentação, tendo implicações em diversos âmbitos, como por exemplo, a das relações sociais. Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo analisar algumas transformações alimentares e seus efeitos nas relações sociais dos Xavante, particularmente no sistema de trocas na aldeia.

PERCURSO METODOLÓGICO

Os Xavante constituem, juntamente com os Xerente, o grupo *Akwe*, “conhecidos como Jê Centrais” (SILVA, 1986, p. 18 e 31). Em 2004 sua população era constituída de aproximadamente 11.988 índios, que viviam em onze TI's, com aproximadamente 167 aldeias (DELGADO, 2008; SOUZA, 2008). Estas terras estão localizadas no Planalto central brasileiro, no estado



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

do Mato Grosso, numa área de cerrado. A TI de São Marcos foi criada por meio do decreto número 76.215, de 05/09/1975, o qual fixou os limites definitivos. Está localizada no Município de Barra do Garças – MT. Segundo Delgado (2008), em dezembro de 2007 a população da TI estava distribuída em 28 aldeias, dentre elas, a aldeia Nossa Senhora de Guadalupe. O presente estudo caracteriza-se como uma etnografia, na qual utilizamos a observação sistemática, entrevistas etnográficas e a fotografia.

Realizamos duas viagens a campo, totalizando dois meses e meio na aldeia. Durante esse período fizemos entrevistas com 29 indígenas de sexo e idades variadas, e registramos a observação sistemática no diário de campo. Fizemos a maior parte das entrevistas no segundo período em campo, geralmente em português com os homens, e em xavante com as mulheres, com a ajuda de uma intérprete Xavante. Nas entrevistas utilizamos um roteiro com enfoque na alimentação, suas mudanças e consequências para o grupo. O material ora apresentado faz parte de uma das temáticas que surgiram nas entrevistas: as transformações no sistema de trocas xavante, após o aumento da facilidade de acesso aos alimentos exógenos na aldeia. A discussão aqui realizada é uma primeira aproximação ao tema em questão.

O projeto tem o parecer da CONEP n.368/2006, e do COEP/ UERJ n. 023/2006. Também possui autorização e Termo de consentimento livre e esclarecido da liderança da aldeia Xavante.

TRANSFORMAÇÕES ALIMENTARES E RELAÇÕES DE TROCA

Relatos de etnografias realizadas pouco após o contato dos Xavante com a sociedade envolvente (décadas de 1950 e 1960) afirmavam não haver diferenças substanciais no consumo alimentar entre os núcleos familiares (MAYBURY-LEWIS, 1984; GIACCARIA & HEIDE, 1984). No entanto, pela observação sistemática e pelas entrevistas, identificamos, de forma geral, que atualmente há diferenças na alimentação dos Xavante moradores da mesma



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

aldeia, as quais abrangem todas as fases do sistema alimentar: a produção, o armazenamento, o preparo e a distribuição do alimento, e também o descarte do lixo (VERONA, 2009). Aqui abordaremos, fundamentalmente, os dados relacionados à fase do armazenamento e da distribuição, sem, contudo, deixar de citar elementos importantes referentes às outras etapas do sistema alimentar.

Na época do contato, a alimentação dos Xavante se baseava em alimentos obtidos por meio de atividades tradicionais (como hoje os Xavante as denominam): caça, coleta e agricultura (MAYBURY-LEWIS, 1984; GIACCARIA & HEIDE, 1984). Atualmente a produção de alimentos ainda é baseada nessas atividades de subsistência, produzindo alimentos que eles denominam *auwé* (alimento xavante). Porém os alimentos *waradzu* também estão presentes nas refeições. Os itens centrais na dieta dos Xavante são o arroz, o feijão, o milho, a abóbora, a mandioca e o óleo. A base da alimentação é o arroz, presente diariamente nas refeições. O feijão é frequente, porém menos do que o arroz. As fontes de ambos são plantação na própria aldeia, ou o mercado. O milho, a abóbora e a mandioca são obtidos majoritariamente das plantações dos indígenas, e o óleo no mercado. Os Xavante, portanto, obtêm seus alimentos de fontes variadas. Na maior parte das casas da aldeia, os mais velhos são responsáveis por roças, que produzem principalmente os alimentos listados acima. Mulheres coletam frutos em excursões pelo cerrado, e alguns homens (principalmente os mais velhos) caçam.

Pudemos constatar que há uma relação inversa entre a renda e o consumo de alimentos provenientes de atividades consideradas tradicionais. Nos grupos familiares onde a renda é maior, os alimentos *waradzu* são mais consumidos, e os integrantes deste grupo praticam menos atividades tradicionais relacionadas à alimentação. Nos grupos familiares onde a renda é menor, a caça, a coleta e a horticultura tendem a ser mais praticadas, e, logo, os alimentos *waradzu* estão menos presentes nas refeições.

Embora essa seja a realidade da maioria, existe uma exceção, em um grupo familiar composto por apenas três indígenas (um casal de aposentados



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

que cria um neto órfão). Mesmo tendo acesso a duas aposentadorias, o homem é o dono de uma das maiores roças da aldeia, sai regularmente em excursões de caça, e sua esposa sai para a coleta de frutos, raízes e tubérculos. Este exemplo demonstra que o acesso ao dinheiro possibilita, mas não determina o acesso ao alimento por uma forma que não a tradicional. Exemplos parecidos também foram relatados por Maurício Leite, em pesquisa com os indígenas da etnia Wari (LEITE, 2007).

Voltando ao exemplo citado acima, o excedente da produção é doado para filhos que residem em outras aldeias. Vimos muitas vezes o casal voltando da roça, ao final da manhã, com cestas cheias, mas ao chegarmos à sua casa os alimentos trazidos por eles não estavam mais à vista.

Nossa curiosidade foi incitada pelo fato dessa prática diferir da descrita em etnografias da época do contato, as quais afirmam que os Xavante armazenavam seus alimentos tanto dentro, quanto fora das casas. Do lado de fora eram feitos depósitos para os cereais, que ficavam em cabaças fechadas. No interior, as sementes e raízes ficavam em cestas (MAYBURY-LEWIS, 1984; GIACCARIA & HEIDE, 1984). Não havia o cuidado em guardar os alimentos fora da vista de “visitantes”. Hoje os alimentos obtidos por atividades tradicionais são estocados longe da vista de visitantes dentro da casa, são guardados quase sempre atrás do fogão, ou separados por uma parede de palha, além de estarem sempre cobertos. E percebemos tanto em entrevistas, quanto na observação, que havia uma intenção de que moradores de casas vizinhas não soubessem dos alimentos auwé presentes em seu estoque. Presenciamos muitas vezes os Xavante “disfarçando” alimentos para que pudessem transportá-los, e como exemplo podemos citar o de uma adolescente, que chegou em casa enquanto entrevistávamos seu pai, com uma melancia (!) embaixo da blusa.

Na época do contato, como afirmado acima, não havia o cuidado em “esconder” os itens alimentares produzidos. Com o armazenamento sendo feito no centro da aldeia (área de domínio público), os itens alimentares uns dos outros eram sabidos. Nesse contexto, as “trocas de bens” eram comuns entre



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

os Xavante e regiam as relações sociais, dentre elas o casamento (GIACCARIA & HEIDE, 1984, p.65). As trocas recíprocas poderiam ser entre objetos (produtos do trabalho masculino: flecha, esteira e arco; produtos do trabalho feminino: novelo de algodão, cestos, recipientes de barro usados na cocção de alimentos); de objetos por alimentos, ou de alimentos por alimentos. Os alimentos mais frequentes nessas trocas eram a carne e o milho.

As trocas eram reguladas por dois princípios fundamentais: “1- A quem pede nunca se deve recusar o objeto pedido; 2- tanto a coisa dada como o pagamento devem ser proporcionais à situação atual (material) dos contratantes” (GIACCARIA & HEIDE, 1984, p. 67). Dessa forma, aqueles que tinham acumulado bens necessitavam revertê-los em benefício do grupo, o que implicava aceitar outros “bens” de menor valor se comparado ao que era cedido. A transgressão desse princípio de uma escala de valores era vista como uma falta grave, sendo o único motivo de impedimento para um casamento entre os Xavante. O sistema de obrigações gerado pelas trocas, segundo Levi-Strauss (2003), é uma continuação do casamento, quando houve a troca maior – da mulher. Este sistema se diferencia da troca mercantil, utilitarista, vivenciada na sociedade ocidental, pois está associado a um valor ético e moral, regulado por três obrigações interligadas: dar, receber e retribuir (MAUSS, 2001).

Ao participarmos do cotidiano da aldeia, verificamos que as trocas de bens ainda existem. E segundo os próprios Xavante, existem regras prescritivas que fazem com que não possam negar um alimento ou objeto pedido por outra pessoa, bem como o descrito pelos pesquisadores logo após o período de contato com a sociedade exógena. Mauss (2001) afirma que as trocas em uma dada sociedade são, ao mesmo tempo, voluntárias e obrigatórias. Esse caráter de obrigatoriedade das trocas pode ser a razão de que os Xavante “escondam” seus alimentos auwé armazenados, na tentativa de que não tenham que romper com o preceito de não negarem uma possível transação, o que, para Mauss (2011) seria um momento de estabelecimento de um contrato social.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Uma vez que essa relação tem a função de colaborar para coesão do grupo, ela, involuntariamente deve ser mantida.

Ao perguntarmos sobre a forma de guardarem os alimentos *auwé*, as repostas eram que: “se não sabem que você tem, não vão pedir”. Mas mesmo com a prática de estocagem dos alimentos fora da vista de visitantes, em uma realidade onde há diferenças no acesso ao alimento, pedidos ocorrem frequentemente, como comumente relatado por eles. E quando ocorre o pedido, eles continuam respeitando a regra social de não negar, mantendo a coesão, a interdependência, a comunhão (Mauss, 2001).

Os produtos *waradzu* são estocados de forma diferente. Na maioria das casas há estantes feitas de tábuas de madeira, nas quais organizam painéis simples, pratos (de plástico, muitas vezes ou metal), painéis de pressão, leiteiras e bacias de plástico. Alguns alimentos também ficam nas estantes. E são justamente os alimentos *waradzu* como potes de margarina, sal, açúcar, biscoito, temperos prontos, leite.

Os alimentos *waradzu* não são submetidos à mesma regra dos *auwé*, ou seja, caso pedido não precisa ser doado. Na época do contato isso acontecia com alguns alimentos: os coquinhos, que eram abundantes na mata e fácil de serem coletados em qualquer excursão. Os *waradzu* não precisam ser doados por outro motivo: os Xavante davam muitas explicações, e a maioria girava em torno da necessidade do dinheiro para a aquisição, e da dificuldade de ir até a cidade para comprar mais, caso acabasse.

As modificações ocorridas nas atividades de subsistência, com a incorporação de trabalho remunerado e recebimento dos benefícios sociais; e nas condições de vida, com a introdução da energia elétrica na aldeia e aquisição de geladeira, alteraram a forma de armazenar os alimentos, mas não acarretaram transformações acentuadas nas práticas da reciprocidade. A manutenção dessa prática cria laços e conserva a circulação dos bens materiais ou simbólicos entre os grupos domésticos (MAUSS, 2011). No entanto, há uma distinta agregação de valor nos itens trocados, como será visto adiante. Além disso, há alguns Xavante que estão praticando a venda de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

alimentos *waradzu* como refrigerantes, por exemplo, e/ ou também de seus produtos da roça. Tal acontecimento é descrito por Carrasco i Pons (2005) como uma “monetarização agrícola”, tendência ocorrente em sociedades em acelerado ritmo de transformação. Segundo a autora, esse acesso monetarizado ao alimento pode gerar uma “monetarização da reciprocidade de parentesco e vizinhança, que se satisfazia tradicionalmente com alimentos” (CARRASCO I PONS, 2005, p 101 e 102).

O acesso à renda é um dos fatores que tem trazido alterações no sistema de trocas e tem facilitado a introdução dos alimentos *waradzu* no cotidiano Xavante. A fonte de renda é variada. Na aldeia há uma escola e um posto de saúde, os quais empregam vários indígenas em funções como: professor, diretor da escola, faxineiro da escola, cozinheira de merenda escolar, AIS (agente indígena de saúde). Idosos recebem aposentadoria (e na época da pesquisa, das 33 casas, 25 tinham pelo menos, um aposentado). Além destas há motoristas da FUNAI, AISAN (Agente indígena de saneamento), chefe do posto indígena. Algumas mulheres recebem bolsa família. Essas fontes de renda possibilitam uma nova forma de acesso de alimentos: a compra. Pelo menos uma vez por mês os Xavante vão à cidade a fim de receber seus pagamentos e ao mesmo tempo adquirirem os alimentos. Geralmente são os homens mais novos que realizam esta tarefa utilizando os cartões de seus pais e recebendo por eles o dinheiro.

Mauss (2001) coloca que na sociedade capitalista, a dádiva se enfraquece, ao opor-se à obrigação e à prestação não gratuita. Não consideramos a sociedade Xavante como capitalista. Está longe disso. Porém, o acesso à renda tem proporcionado modificações na estrutura dos princípios que regem a sociedade, e estes, por sua vez, criam tensões, principalmente intergeracionais. Como exemplo podemos citar o caso de um idoso que ficou muito chateado pelo fato do filho, morador de outra aldeia, querer vender o peixe que havia pescado, ao invés de trocá-lo por mandioca da roça do pai. O senhor se lamentou por dias sobre este fato, mostrando-se “sentido, magoado” pela atitude do filho. O homem mais velho sentiu-se lesado, pois uma das



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

obrigações construídas pela reciprocidade foi quebrada no momento em que o filho atribuiu um valor monetário ao peixe.

Pudemos ver a troca acontecendo, mais frequentemente, entre familiares que moram em casas diferentes. Durante o período em que ficamos na aldeia observamos que em algumas casas, mesmo não possuindo roça, os moradores se alimentavam com produtos de roças indígenas. Esses alimentos eram o milho, feijão, abóbora, arroz e mandioca e provinham da troca recíproca. Os que produziam esses alimentos levavam para aqueles familiares que não tinham roça porque se preocupavam com eles, geralmente filhos e filhas que estavam inseridos em atividades remuneradas na aldeia. Em troca, quando esses voltavam das cidades com compras, entregavam algum produto adquirido no mercado, como refrigerante, óleo, açúcar ou carne.

O valor simbólico do alimento produzido na roça (auwé) e do alimento exógeno (waradzu) pode ser visto na base das trocas. Sob a perspectiva ocidentalizada e muitas vezes etnocêntrica parece não haver uma regra, e percebe-se que o volume do alimento da roça é muito maior na troca, do que o industrializado. Por exemplo, observamos que um grande cesto carregado de mandioca foi trocado por um saco de cinco quilos de arroz e uma garrafa de dois litros de refrigerante; já na casa de outro senhor vimos uma cesta cheia de milho xavante ser trocada por um pacote de fermento para pão e um pacote de um quilo de farinha de trigo. No entanto, sob o ponto de vista Xavante os caracteres, comercial e quantitativo ficam em segundo plano, tendo outros elementos a regular as relações entre grupos de idade, clãs, grupos domésticos – o prestígio, a honra, a moral, a obrigação de retribuir, o vínculo, são aspectos fundamentais nessas transações. O importante é reproduzir as dádivas, pouco importando seu valor ou sua natureza (SABOURIN, 2008).

Mauss (2001) dá o exemplo do Potlatch no livro “O ensaio sobre a dádiva”. Ele afirma que os índios americanos competiam entre si, por intermédio de seus chefes, vencendo aquele que ofertasse mais. Nesse jogo, os cobertores manufaturados começaram a entrar nas ofertas, e eram mais valorizados do que peles de animais. A tendência, na perspectiva capitalista, é



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

colocar valor econômico nas mercadorias das trocas. Porém, Mauss (2001) afirma que, para muitas sociedades não capitalistas, as trocas não possuem caráter econômico. Os princípios que regem a economia de subsistência são disciplinados por padrões específicos de comportamento, seja no dar ou no retribuir.

Os que produzem alimentos podem levar “presentes” de sua roça para seu grupo doméstico, ficando os que recebem com uma “dívida”, que poderá ser “cobrada” a qualquer momento. Muitas vezes pudemos ver os Xavante ao voltarem da cidade com suas compras recebendo “visitas” dos indivíduos que haviam oferecido o “presente”. Os visitantes chegavam às casas e escolhiam o que levar. Essa prática é comum entre os Xavante e já havia sido relatada por Giaccaria e Heide (1984) na década de 1960. Segundo os autores a dívida poderia levar anos até ser “cobrada”.

A reciprocidade, portanto, faz parte do cotidiano alimentar dos Xavante, e segue o princípio fundamental de que um pedido não pode ser negado. Porém, em alguns momentos quando questionávamos sobre trocas, as opiniões de homens e mulheres de diferentes idades divergiam. Quando indagados sobre a necessidade de dar o que foi pedido, respondiam: “*Sempre tem que dividir! Sempre, sempre, sempre...*” Ou então: “*Xavante tem que dar!*”. Mas quando a pergunta envolvia produtos industrializados: “*Ah, isso é diferente! É caro, é dinheiro. Tem que dar é comida xavante, o que dá no mato. A comida do branco é difícil. Se a minha acaba, onde vou arranjar? E sem dinheiro...*”. Percebemos, assim, que uma prática antiga, que tem funções sociais importantes tende a se manter, mas pode incorporar novos valores e dimensões. Enquanto com relação aos alimentos *waradzu* o papel da reciprocidade diminui em favor a outros modos de aquisição, no que se refere aos alimentos *auwê*, conserva sua função social de aproximação e sua carga simbólica que contém o dar e o retribuir. Segundo Levi-Strauss (2003, p.94) o jogo das trocas consiste “em um conjunto complexo de manobras, conscientes ou inconscientes,” para garantir alianças, poder, simpatia, prestígio ou posição. Se antes os meios e a produção de alimentos eram igualitários, o acesso a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

salário e outros tipos de rendimentos, cria um nicho especial para alguns indivíduos que os diferenciam, os individualizam, proporcionando *status* e poder de compra de produtos exógenos.

Esta primeira abordagem sobre o tema permitiu uma reflexão sobre a necessidade de aprofundar o estudo sobre reciprocidade e transformações alimentares entre os Xavante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na aldeia Nossa Senhora de Guadalupe os alimentos *waradzu* estão começando a criar uma diferenciação de consumo entre as famílias, afetando o sistema de trocas e aparentemente trazendo status a diferentes grupos ou famílias. Não vemos, contudo, impedimentos para a coexistência de sistemas de trocas por reciprocidade e os novos contornos das relações sociais “mercantilizadas”. As transformações fazem parte do cotidiano xavante e cabe a eles a decisão das formas.

As estantes com os alimentos *waradzu* ficam bem à vista de quem se achega à porta das casas. Nas entrevistas, conversas e convívio, percebemos que a maioria dos jovens, e alguns idosos falavam com um certo orgulho dos alimentos *waradzu* que tinham em sua casa. Haveria algum *status* agregado à posse desses alimentos? Ainda não temos como responder, mas sugerimos que é o início de uma imposição de valores econômicos a alimentos para os Xavante.

Mesmo com algumas modificações, quando comparadas à época do contato, as trocas ainda existem, com a incorporação de novos alimentos, mantendo a coesão e os valores de generosidade e justiça presentes na sociedade Xavante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

CARRASCO I PONS, S. Pontos de partida teórico-metodológicos para o estudo sócio-cultural da alimentação em um contexto de transformação. In: CANESQUI, A.M.; DIEZ GARCIA, R.W. **Antropologia e nutrição: um diálogo possível**. 2005. 101-126p.

DELGADO, P.S. **Entre a estrutura e a performance: ritual de iniciação e faccionalismo entre os Xavante da Terra Indígena São Marcos**. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

FLOWERS, N. **Forager-farmers: The Xavante indians of central Brazil**. Ph. D. Dissertation. New York: City University of New York, 380p; 1983.

_____. Subsistence strategy, social organization, and warfare in central Brazil in the context of European penetration. In: ROOSEVELT, A. **Amazonian Indians from prehistory to the present: anthropological perspectives**. Tucson: University of Arizona Press, 1994, p.249-269.

GIACCARIA, B; HEIDE, S. **Auwe Uptabi: Xavante - Povo Autêntico**. 2ed. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1984.

GUGELMIN, S. & SANTOS, R. Ecologia humana e antropometria nutricional de adultos Xavantes, Mato Grosso, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, n.17, p. 313-322, 2001.

LEITE, M. S.; SANTOS, R. V.; GUGELMIN, S. A.; COIMBRA JR., C. E. A. Crescimento físico e perfil nutricional da população indígena Xavante de Sangradouro-Volta Grande, Mato Grosso, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 22 (2). 265-276p. Fevereiro, 2006.

_____. **Transformação e persistência: antropologia da alimentação e nutrição em uma sociedade indígena amazônica**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz. 293 p. 2007.

LEVI-STRAUSS, C. O princípio da reciprocidade. In: _____. **As estruturas elementares do parentesco**. 3ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p.92-107.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições. 2001. 70 p.

MAYBURY-LEWIS, D. **A Sociedade Xavante**. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves. 400p, 1984.

SABOURIN, E. Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.23, n.66,p.131-138, 2008.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

_____. **Dois séculos e meio de história Xavante.** In: CUNHA M.C. DA (org.) História dos índios do Brasil. São Paulo/Rio de Janeiro: FAPESP/Cia das Letras, 1992. p. 357-378.

_____. **Nomes e amigos:** da prática Xavante a uma reflexão sobre os Jê. São Paulo: FFLCH/ USP, 1986. 340p.

SOUZA, L.G. **Demografia e saúde dos índios Xavante do Brasil Central.** Tese (Doutorado em Saúde Pública). Escola Nacional de Saúde Pública. Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2008.

VERONA, L.D.P. **Comida auwe, comida waradzu e ressignificação: O sistema alimentar dos Xavante da aldeia Nossa Senhora de Guadalupe.** Dissertação (Mestrado em Alimentação, Nutrição e Saúde). Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Rio de Janeiro, 2009.

WELCH, J. et al. Nutrition Transition, Socioeconomic Differentiation, and Gender Among Adult Xavante Indians, Brazilian Amazon. **Human Ecology**, v.37, n.1, p.13-26, 2009.